

# AQUISIÇÃO FONOLÓGICA INFANTIL DE CONSOANTES LÍQUIDAS EM CODA E ONSET SIMPLES NO PORTUGUÊS EUROPEU (PE)

**Calawia Salimo**

(PPGL/UFSC - Doutorado)

(Docente da Universidade Pedagógica de Moçambique)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
Desde 2017 é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina. Docente da Universidade Pedagógica de Moçambique, Delegação de Montepuez, afeto no Departamento de Ciências de Linguagem, Comunicação e Artes.

RESUMO	ABSTRACT
Desde 2010, a partir de Costa (2010) e Amorim (2014), que o processo de aquisição consonântica infantil no português europeu ganhou uma abordagem em profundidade. Outro trabalho que merece destaque é o de Freitas (1997) por ser pioneiro na aquisição fonológica infantil no Português Europeu. O presente estudo descreve, à luz da Teoria autosegmental e da Teoria de sílaba, os dados de aquisição das líquidas no Português Europeu, considerando as propostas de geometria de traços Clemente e Hume (1995) e a posição de segmentos líquidas na palavra, tal como fez Rose (2014). Portanto, o trabalho visa encontrar as estratégias de reparo e as pistas deixadas pelas crianças no processo de aquisição fonológica. Os dados analisados neste artigo foram obtidos através da observação de produção das líquidas [l/ʎ; r] em Coda silábica e em Onset silábica simples por duas crianças falantes do Português Europeu como língua materna. A análise de dados mostrou o recurso à diferentes estratégias de reparo entre elas: substituição, alternância e ainda epêntese em coda. Em relação à interpretação dos dados por meio da geometria de traços, verificou-se que a coocorrência dos traços da raiz [+soant, +aprox, +Cons] com os traços da cavidade oral [+ant, +lat] e [-ant, -lat] das líquidas ainda não está estabilizada.	Since 2010, from Costa (2010) and Amorim (2014), the process of consonant acquisition by children in European Portuguese has gotten an in-depth approach. Another work, which deserves highlighted, is Freitas (1997), for being a pioneer in child phonological acquisition in European Portuguese. The present study describes, considering the autosegmental theory and the syllable theory, the data of the acquisition of liquids in European Portuguese, based on the Geometry of Traces theory Clemente and Hume (1995), and the position of the liquids segment in the word, as it done in Rose (2014). Therefore, the study aimed to find the repair strategy and the tracks left by the children in the phonological acquisition process. Two children, speakers of European Portuguese as mother tongue, obtained the data analysed in this article through the observation of liquids production [l/ʎ; r] in syllabic Coda and simple syllabic Onset. The data analysis showed a different resource as repair strategy, among them: substitution, alternation and epenthesis in coda. Considering the acquisition based on the Geometry of Traces, it was possible to verify that the co-occurrence of the root traces [+son, + approx, +Cons] with traces of oral cavity [+ant +lat] and [-ant, -lat] of liquids still not stabilized.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Aquisição; Líquidas; Segmentos; Sílabas; Português Europeu	Acquisition; Liquids; Segments; Syllable; European Portuguese

## INTRODUÇÃO

Em Portugal, os estudos de processos de aquisição consonântica infantil no português europeu começaram a ganhar notabilidade a partir de trabalhos de Freitas (1997), Costa (2010) e Amorim (2014). Em contrapartida, no Brasil, estudos na área de aquisição infantil avançaram muito em diferentes perspectivas: Oliveira (2007), Miranda (2007), Volcão (2009), Volcão (2012), Matzenauer (1990) só para citar alguns exemplos. O presente estudo pretende analisar o processo de aquisição das líquidas [l/t; r] em Coda silábica e em Onset silábico, considerando-se os traços segmentais, segundo a proposta de Clemente e Hume (1995) e a posição do segmento na palavra, tal como fez Rose (2014). Este artigo tem como objetivo geral analisar as estratégias de reparo e as pistas deixadas pelas crianças no processo de aquisição fonológica das líquidas [l/t; r] em posição de Coda silábica e Onset silábico. Especificamente, este trabalho tem como objetivos: (i) identificar as estratégias de reparo na aquisição das líquidas [l/t; r] em Coda e em Onset no Português Europeu, (ii) descrever, à luz da Teoria autosegmental e da Teoria de sílaba, os dados de aquisição das líquidas no Português Europeu, (iii) explicar, a partir dos dados analisados, processos de aquisição de líquidas no Português Europeu.

Sobre o Português Europeu (PE), segundo Costa (2010), as crianças portuguesas tendem a adquirir o ponto de articulação pela ordem anterior >> não anterior: labiais e coronais [+ant] são adquiridas antes de coronal [-ant] e dorsal. E em relação ao modo de articulação, as crianças adquirem as nasais e as oclusivas antes das fricativas, sendo as líquidas as últimas consoantes a emergir. Para a autora, há uma relação entre a aquisição segmental e a unidade da palavra, e constatou que as primeiras palavras produzidas pelas crianças apresentam consoantes em Onset que partilham o ponto e modo de articulação. Ela afirma, no mesmo estudo, que os traços tendem a ser adquiridos por oposição; por exemplo, a labial emerge primeiro em posição inicial da palavra e só mais tarde em posição intervocálica, enquanto as líquidas são adquiridas primeiramente em posição intervocálica e depois na posição inicial da palavra. E ainda, um determinado traço pode ser adquirido em uma determinada posição em formas como: CV ou CVV, mas não ser submetido a estratégias de produção alternativa em sequências Consoante-Consoante. Esta aquisição gradual resulta em assimetrias posicionais nas produções das crianças.

O estudo de Amorim (2014), evidencia a relação existente entre o segmento e a estrutura silábica, e aponta para resultados semelhantes aos de Costa (2010). Os dados mostram que, apesar de a maior parte das líquidas ser adquirida aos 4;0 anos de idade, o seu domínio nas diferentes posições silábicas prolonga-se até mais tarde. Por exemplo, o traço [+ aproximante] encontra-se já adquirido na faixa etária 4;0-4;5, bem como com a

concorrência com [+ contínuo, coronal], que permite o contraste entre /l/ e /r/, e com [+ contínuo, dorsal], caracteriza /R/. Então, a aquisição das consoantes /l, R, r/ em sílabas CV encontra-se já estabilizada aos 4;0-4;5. Enquanto isso, a lateral coronal [anterior], está em processo de aquisição nessa idade e estabiliza-se aos 4;4;6. Assim, quanto aos segmentos em Onset não ramificado, os resultados demonstram que, aos 4;0-4;6, apenas a aquisição da lateral pós-alveolar não se encontra ainda estabilizada, o que acontece somente na faixa etária 4;6-4;11.

Em termos estruturais, o artigo está organizado da seguinte maneira: depois desta breve Introdução, segue o ponto 1.0: Revisão de literatura que suporta o artigo; 2.0: procedimentos metodológicos; em 3.0: apresentação e análise de dados; E, em 4.0: a Conclusão.

## 1.0. AQUISIÇÃO BASEADA EM TRAÇOS

Apesar de Bisol e Schuwindt (2010, p. 237-238), tecerem duras críticas às adaptações para o uso da Teoria de Geometria de Traços na aquisição linguística, entre autores da área de aquisição fonológica há aqueles que compartilham a ideia da importância da unidade de traço no processo de aquisição infantil. A crítica é apresentada nos seguintes termos:

o fato é que modelos representacionais como a Geometria de Traços, Teoria da Sílabas e Fonologia Métrica, fundamentam seus princípios em fenômenos que ocorrem nas línguas do mundo e na gramática do adulto. Apesar de utilizados para análises formais dos dados de aquisição, tiveram sua arquitetura e princípios pensados de forma totalmente independente do processo de aquisição da linguagem. Adaptações aos modelos tornaram-se frequentes, como a segregação planar (LLEO, 1997) para explicar processos de assimilação não permitidos pela Geometria de Clements e Hume (1995), devido ao Princípio do Não-cruzamento de Linhas- e o Modelo Implicacional de Complexidade de Traços (MOTA, 1996); Rangel (1998), para explicar a construção gradual dos segmentos com base em Clements e Hume (1995) e Calabrese (1995). Segundo os autores, tais adaptações, nem sempre foram bem-vindas, pois criaram uma ruptura entre teoria linguística aplicada à análise dos dados do adulto e teoria linguística aplicada aos dados da aquisição. (BISOL e SCHUWINDT, 2010, p. 237-238).

Na ótica de Costa, *et. al.*, (2016), no Manual de Linguística Portuguesa, editado por Martins Carrilho (2016), na teoria fonológica gerativa, os segmentos são entendidos como conjuntos de traços distintivos, que representam as suas propriedades internas. Os autores afirmam que os traços distintivos permitem captar contrastes entre segmentos: /p/ e /b/ contrastam no valor de [vozeado], traço que representa informação relativa à

atividade laríngea: /p/ é [-vozeado] e /b/ é [+ vozeado]. Ainda na visão dos autores, vários estudos têm demonstrado que o recurso aos traços distintivos, para além de ser útil na avaliação da consciência fonológica, também permite descrever a aquisição dos inventários fonológicos das línguas, avaliar com detalhe os desempenhos segmentais de crianças com perturbação fonológica e obter sucesso mais rápido na reabilitação.

Volcão (2012) corrobora com Clemente (2005), no entendimento de que os traços distintivos desempenham um papel central na estruturação de inventários de sons contrastivos da fala e os princípios fonológicos baseados em traços distintivos seriam tendências que os inventários seguiriam e não leis invioláveis. Por meio de aplicação do princípio da Robustez, afirma que os contrastes entre soantes e não soantes são muito mais frequentes nas línguas do mundo, do que o contraste entre glotais e não glotais. Assim, o traço que permite a distinção entre segmentos obstruentes e segmentos soantes está posicionado acima, na hierarquia, e é considerado como um traço robusto, ao passo que o traço que contrasta glotais e não glotais é menos robusto, estando posicionado bem abaixo, e que, no processo de aquisição, as crianças adquirem primeiro e mais cedo os traços mais robustos e depois os menos robustos.

Matzenauer e Miranda (2012) citam Clements e Hume (1995), no entendimento de que os traços facultam explicações para muitas generalizações claras dos domínios da aquisição da linguagem, dos desvios linguísticos e das mudanças históricas, além de outros.

Para Matzenauer e Miranda (2012), na Fonologia Autossegmental tomam-se os traços como unidades mínimas que compõem a estrutura interna dos segmentos e desempenham papéis importantes para as crianças na aquisição. As crianças constroem gradativamente a estrutura interna dos segmentos, à medida que começam a adquirir os autossegmentos. A matriz fonológica da criança inicia de coocorrência de traços não marcados<sup>1</sup> para as diferentes classes de segmentos; e à medida que os traços vão sendo incorporados à estrutura interna dos segmentos, o inventário fonológico da língua alvo é adicionado até completar. Pois, no processo de aquisição fonológica, a representação fonológica das crianças é diferente da que os falantes adultos têm, as crianças dependem das suas capacidades de percepção e da construção gradual da gramática. As crianças constroem e reconstroem a representação durante o processo de desenvolvimento linguístico. Em relação às questões relativas ao emprego de estratégias diferentes a

---

<sup>1</sup> Diz-se de uma unidade linguística que ela é marcada quando possui uma particularidade fonológica, morfológica, sintática ou semântica que a opõe às outras unidades de mesma natureza da mesma língua. Essa unidade marcada é, então, o caso marcado de uma oposição binária em que o termo oposto, privado dessa particularidade, é chamado não marcado (DUBOIS *et. al*, 1973 [1998] p. 401).

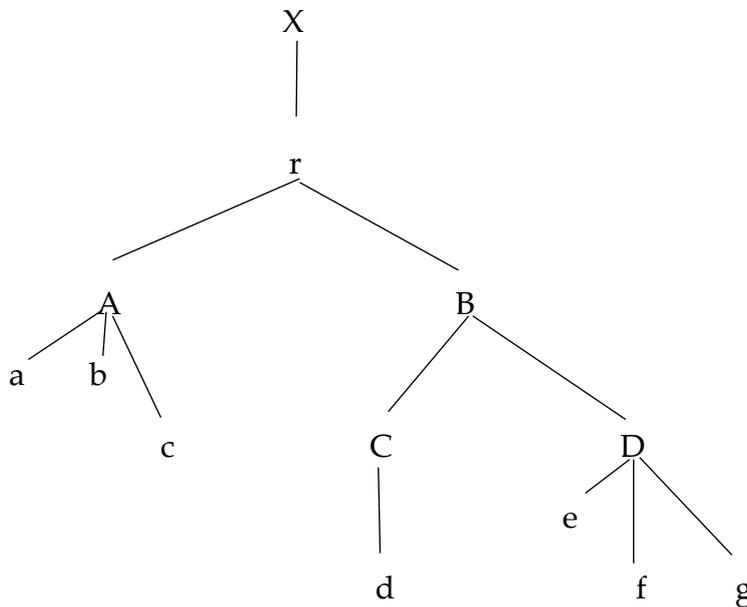
diferentes segmentos, o Modelo de Princípios Fonológicos baseados em traços explica que há princípios que regem a constituição dos inventários fonológicos das línguas durante o processo de aquisição, tal é o caso do ordenamento e relevância das classes naturais (classe natural-conjunto de segmentos que se relacionam, tais segmentos são sujeitos às mesmas regras fonológicas, funcionam em ambientes fonológicos similares). A estabilização e instabilização de algumas classes de segmentos pode estar relacionada com a coocorrência ou não de traços integrantes da gramática fonológica da criança. Por meio do ordenamento, alguns traços têm emergência precoce (anterioridade) e outros ocorrem tardiamente, tal é o caso de posterioridade, o que provoca restrição no emprego dos segmentos fonológicos.

Partindo do pressuposto de que os traços apresentam uma organização ao compor a estrutura interna de um segmento e podem ocorrer em mais de um segmento, a geometria de traços pode formalizar as estruturas dos traços que a criança tem representada durante a aquisição da língua, mostrando os traços estabilizados mais acima do esqueleto e os traços não estabilizados mais abaixo (MATZENAUER e MIRANDA, 2012).

Continuando sobre os traços distintivos, na ótica da Bisol (2001), na evolução da teoria fonológica, a noção de traço distintivo como unidade básica de representação e de análise da fonologia das línguas passou a ser fundamental. “Os traços distintivos, definidos em termos de propriedades específicas de caráter acústico e articulatório, são unidades mínimas não segmentáveis, que se combinam de diferentes maneiras para formar os sons das línguas humanas”, (BISOL, 2001, p. 43). Segundo a autora, a Fonologia Autossegmental opera não só com segmentos completos e com matrizes inteiras de traços, mas também com autossegmentos, ou seja, permite a segmentação independente de partes dos sons das línguas. A autora refere ainda, que (i) na Fonologia Autossegmental não há uma relação de um-para-um entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza. Portanto, os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento e o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que compõem. (ii) a Fonologia Autossegmental passou a defender que o segmento apresenta uma estrutura interna, isto é, que existe uma hierarquização entre os traços que compõem determinado segmento da língua. Isso permitiu mostrar que nas regras fonológicas os traços podem ser manipulados isoladamente ou em conjunto, o que facilita a expressão de classe natural (BISOL, 2001).

A seguir apresentamos esquema de representação interna e hierárquica dos traços (CLEMENTS e HUME, 1995) extraído de Bisol (2001, p. 47).

Figura 1: Esquema de representação interna e hierárquica dos traços



Nesse diagrama, r (do qual emanam todos os galhos) representa o nó da raiz, que corresponde ao segmento propriamente dito. Os nós A, B, C e D representam nós de classe, que dominam grupos de elementos que funcionam como unidades ou classes naturais em regras fonológicas. Os nós C e D são irmãos e ambos dependentes de B. Os nódulos terminais, a, b, c, d, e, f, g são traços fonológicos. O nó de raiz (r) é dominado por unidade silábica de tempo (X). Os nós são ligados por linhas de associação (BISOL, 2001, p. 47.).

### 1.1. AQUISIÇÃO BASEADA NO ESTATUTO DO SEGMENTO NA SÍLABA

Costa, Freitas e Gonçalves (2016, p. 287-288), na obra *Manual de Linguística Portuguesa*, organizada por Martins e Carrilho (2016), partilham a ideia de que a sílaba “é a unidade prosódica no domínio da qual se organizam os segmentos. Para os autores, das várias unidades fonológicas, esta é a mais testada nos dados do desenvolvimento fonológico típico e atípico. A realidade psicológica dos seus constituintes internos (ataque, rima, núcleo, coda) está amplamente documentada para várias línguas, havendo uma forte interação entre a aquisição de um e o seu estatuto silábico. Como exemplo, os autores afirmam que as líquidas em português são adquiridas gradualmente em função da sua posição na sílaba: (i) a lateral é adquirida primeiramente em ataque simples (lua), entre os 3;6 e os 4;0; segue-se a lateral em Onset ramificado (bicicleta), entre os 4;0 e os 4;6, e, finalmente, a lateral em coda (calças), entre os 5;0 e os 5;6. (ii) a vibrante simples é

adquirida em ataque simples (farinha) entre os 4;0 e os 4;6; segue-se lhe a vibrante em coda (porta), entre os 4;6 e os 5;0 e a vibrante em Onset ramificado (prato), entre os 4;6 e os 5;6.

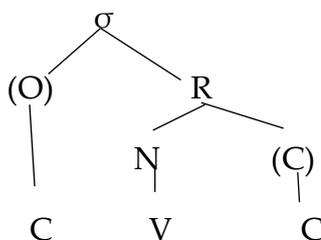
Rose (2014, p. 47), em um estudo sobre aquisição de líquidas em duas crianças, uma do francês como língua materna a outra do Português Europeu, observou que existe uma relação entre a primeira ocorrência de um segmento e a categoria ou estatuto silábico do mesmo segmento dentro da palavra.

Gonçalves e Freitas (2016, p. 552)<sup>2</sup> chamam atenção para que “em contextos clínicos as taxas de sucesso não sejam calculadas de forma global, deve-se tomar em conta a performance dada pela criança sobre o segmento alvo dentro de uma posição específica na sílaba”. E ainda corroboram com Lamprecht (1986) e Miranda (1996), na ideia de que foi atestado no Português Brasileiro: a posição do segmento na sílaba é crucial para evolução das habilidades da criança para a produção de tal segmento.

Matzenauer e Miranda (2012), na Teoria da Sílaba, seja o modelo autossegmental (KHAN, 1976), seja o métrico (SELKIRK, 1982), a sílaba é uma unidade linguística com estrutura interna, entre cujos constituintes está estabelecida uma relação hierárquica. Segundo os autores, os estudos sobre aquisição da fonologia elegem a estrutura CV como menos marcada e que fica disponível à criança desde suas primeiras palavras, ao passo que a ramificação do Onset tende a ser adquirida mais tarde. Segundo eles, ainda, a ideia de emergência gradual da estrutura silábica e da existência de certa ordem de aquisição é pacífica em estudo sobre aquisição de línguas, por exemplo, (CV > CVC<sub>Lat</sub> > CVC<sub>Fri</sub> > CVC<sub>Rótica</sub>) e (CV > CVC<sub>Nas</sub> > CVC<sub>Fri</sub> > CVC<sub>Rótica</sub>), Português Europeu e Português Brasileiro, respectivamente.

Abaixo, observa-se o esquema de estrutura interna da sílaba com base em Selkirk (1982):

Figura 2: esquema de estrutura da sílaba



No esquema acima, veja-se que a sílaba é constituída por Onset (não obrigatório) e Rima, obrigatório, constituída por Núcleo e Coda, esta última, também, opcional. Tanto o

<sup>2</sup> Publicado na obra *The Handbook of Portuguese Linguistics* e editado por Watzels, Menuzzi e Costa (2016).

Onset como o Núcleo em Português podem ramificar-se.

Uma visão semelhante é avançada por Lamprecht (2004), segundo a qual, a estrutura interna de uma sílaba é constituída por Onset e Rima, que por sua vez se ramifica em Núcleo e Coda. Sendo que em muitas línguas o Onset e a Coda são opcionais e o Núcleo obrigatório. A propriedade fundamental na constituição de sílabas das línguas do mundo é a sonoridade. A autora cita Clements (1990, p. 284), “sonoridade como parte de definição de sílaba ótima, e apresenta o princípio de ciclo de sonoridade, segundo o qual o perfil de sonoridade do tipo silábico preferido apresenta um aumento máximo de sonoridade no início e uma diminuição mínima no final da sílaba”, na escala de Selkirk (1984). Assim, a sílaba tem especial relevância para a fonologia das línguas, não só porque constitui o domínio para aplicação de regras fonológicas, mas também é uma fonte fundamental para o entendimento do processo de aquisição de estruturas simples e complexas das línguas nas crianças.

Mezzomo e Ribas (2004) no Lamprecht (2004, p. 95 -108), postulam que líquidas constituem uma classe de sons que é marcada por (i) ser de domínio tardio, (ii) uso diversificado de processos fonológicos durante o desenvolvimento e (iii) por ser bastante complexo tanto do ponto de vista articulatorio quanto do fonológico. E ainda acrescentam, em termos de ordem de aquisição no Português Brasileiro, que a primeira líquida a ser estabilizada no sistema da criança é /l/ aos 2;8 e 3;0, depois /R/ aos 3;4; seguidamente /ʎ/ está adquirido aos 4;0 e, por fim, o /r / estabiliza-se aos 4;2.

Terminado o ponto referente ao referencial teórico, passemos aos procedimentos metodológicos, na próxima seção.

## 2.0. METODOLOGIA

Os dados analisados neste artigo foram obtidos através da observação e análise da produção das líquidas em Coda silábica simples, nos dados *sentar, alguma, barnabé, real* e em Onset silábico simples, nos dados *sala, lata, real, cadeira*, só para citar alguns exemplos, por duas crianças falantes do Português Europeu como língua materna. Tais dados estão disponíveis, transcritos foneticamente com base no Alfabeto Fonético Internacional (AFI) na plataforma *online www.phonbank.talkbank.org*. Os dois informantes selecionados (a Inês e a Joana) tinham uma faixa etária de 3 e 10 meses de idade e fez-se um recorte sincrónico das suas produções, deixando de fora os dados referentes a outras idades, de 0 a 3 anos e de 4 em diante. Para a análise da produção dos dados recorreu-se a um *software* denominado Phon. Este software permite transcrever, descrever e analisar

dados acústicos isoladamente. Depois da análise no Phon ([www.phon.ca](http://www.phon.ca)), os dados transcritos foneticamente com base no Alfabeto Fonético Internacional (AFI) foram exportados para planilha *word office* para outras análises quantitativas. A opção da faixa etária dos 3;3;10 anos de idade justifica-se pelo fato de muitos autores focados na área de aquisição fonológica infantil compartilharem a ideia de que as líquidas têm uma emergência e estabilização tardia, comparativamente às outras consoantes, como (COSTA (2010), ROSE (2014), VOLCÃO (2009), MIRANDA (2007) e AMORIM (2014).

Para considerar um determinado segmento como adquirido, foram usados os mesmos critérios utilizados em Costa (2010), Amorim (2014) e Almeida (2011), sobre o português europeu: (i) produção correta acima de 80% - segmento adquirido; (ii) produção correta acima de 50% (50% ~ 70%) - segmento em processo de aquisição e (iii) produção correta abaixo de 50% - segmento ainda não adquirido.

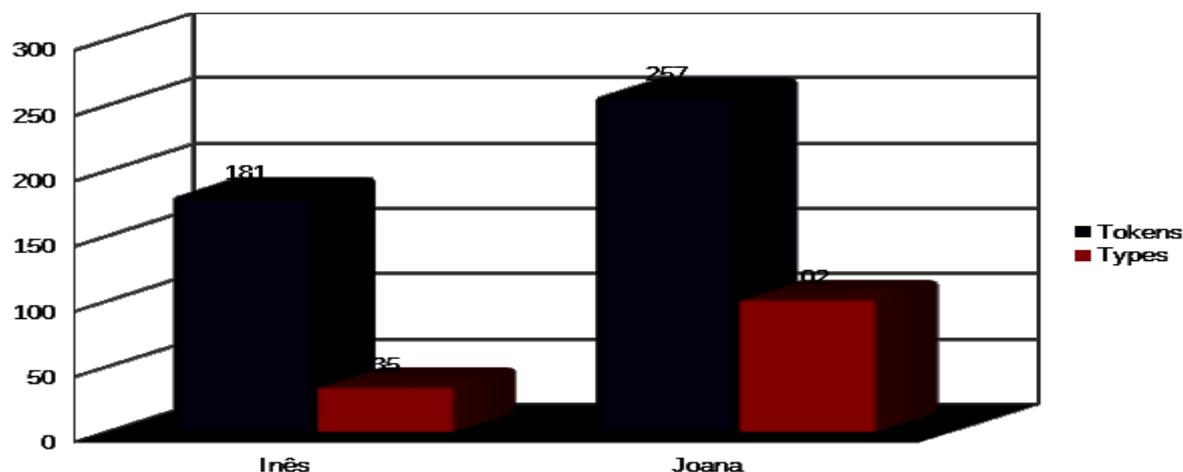
Em termos de marco teórico, o trabalho foi desenvolvido dentro dos modelos fonológicos não lineares-autossegmental, tomando o traço como unidade importante no processo de aquisição fonológica das consoantes líquidas e simultaneamente considerando o estatuto e a posição de ocorrência do segmento na sílaba.

Terminada à descrição dos procedimentos metodológicos do trabalho, passemos em seguida ao ponto referente à descrição, discussão e análise de dados.

### 3.0. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

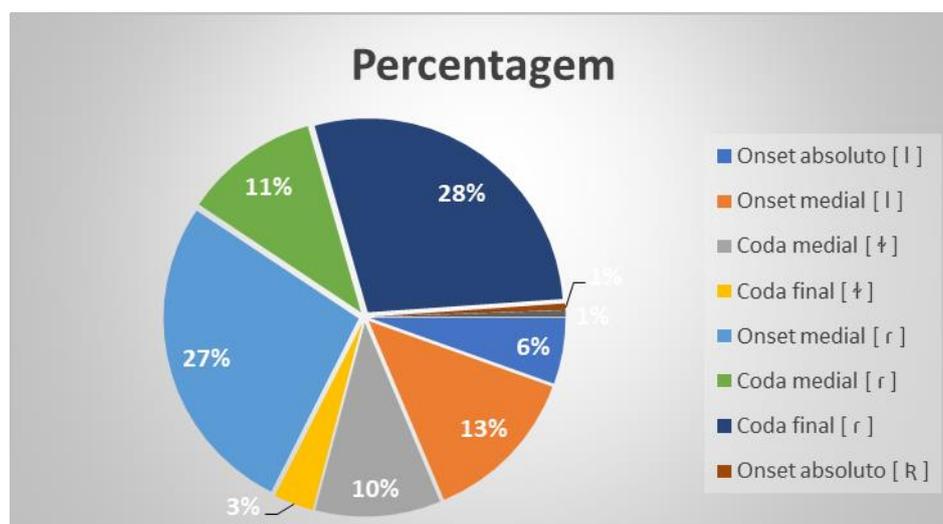
#### 3.1. DESCRIÇÃO E ANÁLISE PRELIMINAR

Nesta seção, apresentamos, descrevemos e analisamos dados de duas crianças falantes do Português Europeu (PE) como língua materna. São dados sincrônicos, isto é, fez-se um recorte de uma das fases de aquisição, os dados de ambas crianças foram gravados quando tinham 3;10 (três anos e dez meses de idade). A seguir apresenta-se em gráfico o número de dados coletados.

Gráfico. 1: número de *Tokens* e *Types* da Inês e da Joana

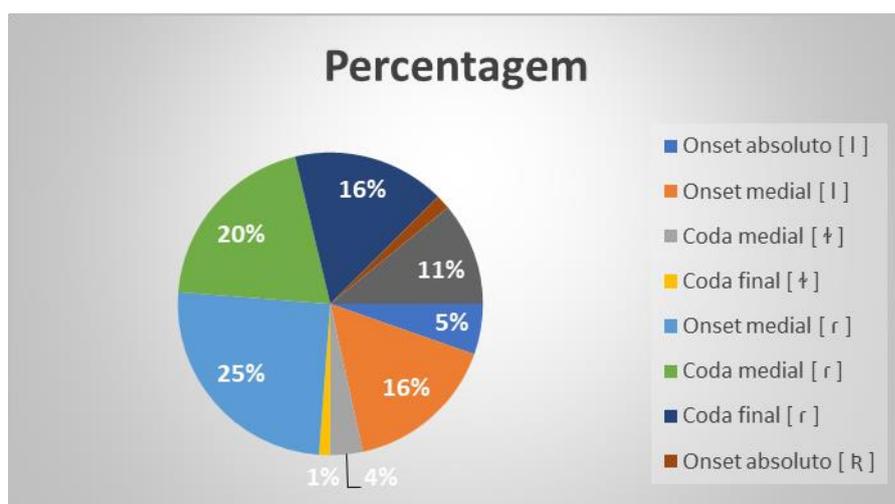
O gráfico acima mostra o número de dados analisados neste trabalho para cada informante nos contextos de Onset e Coda simples das líquidas /l/, r/. A produção da fala da Inês apresenta 35 *types* (listagem de palavras únicas) e 181 *tokens* (a ocorrência de todas as instâncias das palavras), ao passo que a fala da Joana, 102 *types* e 257 *tokens*. Tais dados foram gravados quando as crianças tinham 3;10. É importante explicar, que as palavras que não continham os segmentos em estudo neste artigo /l/, r/ foram excluídas da contagem, apesar de fazerem parte do mesmo arquivo de áudio 3;10 das informantes.

Gráfico. 2: distribuição dos segmentos em Onset e Coda de acordo com o tipo e porcentagem de líquida-Inês 3;10



O gráfico 2 acima apresentado é referente à ocorrência de segmentos [l, r, R] em Onset silábico e [ʔ, r] em Coda silábica nos dados da Inês em 3:10. Adiante deve-se ler: CM-Coda Medial; CF-Coda Final; AO-Onset Absoluto, OM-Onset Medial. Portanto, quanto ao segmento [l] os dados da Inês 3:10 por nós analisados continham uma ocorrência de 5,50 ~ 6% em Onset Absoluto, 13% em Onset Medial, 10% em Coda Medial e 3% em Coda Final. Em relação ao segmento [r]: 27% em Onset Medial, 11% em Coda Medial e 28% em Coda Final. E, finalmente, quanto ao segmento [R], os dados apresentam uma ocorrência de 0,55 ~ 1% tanto em Onset Absoluto como em Onset Medial. É importante esclarecer que este último segmento não será tomado em consideração na análise sobre aquisição fonológica por insuficiência de dados, pois em termos de dados brutos foi um (1) dado para cada contexto, num total de 35 *types* e 181 *tokens*. “Rosa” [Rɔzɐ] → [Xɔzɐ]; Escorrega [ʃkuˈɾɛgɐ] → [ʃˈkɾɛgɐ], respetivamente.

Gráfico. 3: distribuição dos segmentos em Onset e Coda de acordo com o tipo e percentagem de líquida-  
Joana 3;10



O gráfico 3 apresenta a percentagem de ocorrências dos segmentos [l, r, R] em Onset silábico e [ʔ, r] em Coda silábica nos dados da Joana em 3:10. Excluindo-se as palavras em que não ocorrem os segmentos em estudo, o arquivo continha 102 *types* e 257 *tokens* distribuídos da seguinte forma: [l]- OA 5%, OM 16%; [ʔ] CM 4%, CF 1%; [r] OM 25%, CM 20%, CF 16%. E por último, [R] AO 2% e OM 11%.

A seguir, observa-se o quadro de consoantes do Português Europeu da Inês.

Quadro. 1: Sistema Consonantal da Inês 3;10

p	b	t	d			g
f	v	s	z	ʃ	ʒ	
m			n			ɲ
			l		ʎ	ʎ
			r			R

Fonte: elaborado pelo autor

Seguindo a notação de Matzenauer e Miranda (2012) sobre o Português Brasileiro, aplicado neste estudo ao Português Europeu, os segmentos em círculo ainda estão em processo de aquisição, pois mostram alternância ou com outros segmentos ou com um zero fonético. O quadro mostra que em 3:10 a Inês, apesar de ter as oclusivas, fricativas e nasais adquiridas e estabilizadas, o seu sistema consonântico estava incompleto, porque as líquidas [l, ʎ, r, R e ʎ] ainda estavam em processo de aquisição.

A seguir, apresentamos o quadro de consoantes do Português Europeu da Joana.

Quadro. 2: Sistema Consonantal da Joana 3;10

p	b	t	d			k	g
f	v	s	z	ʃ			
m			n			ɲ	
			l		ʎ	ʎ	
			r				R

Fonte: elaborado pelo autor

Para além dos segmentos em círculo, os quais ainda estão em processo de aquisição, por mostrarem alternância ou com outros segmentos ou com um zero fonético, o segmento em quadrado ainda não integra a fonologia da Joana.

### 3.2. ANÁLISE BASEADA EM GEOMETRIA DE TRAÇOS

Nesta seção apresentamos e analisamos os dados considerando as propostas de geometria de traços, começando com os dados da Inês e seguida dos dados da Joana.

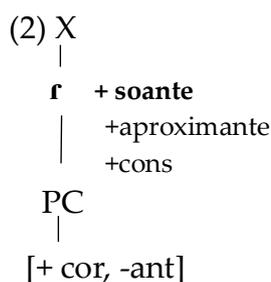
#### 3.2.1 DADOS DA INÊS 3:10

##### (1) /r/

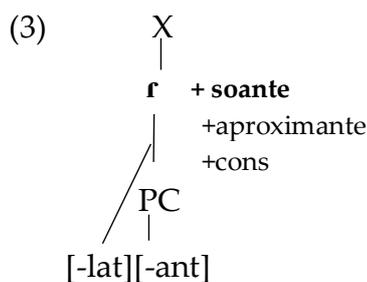
- a) girafa [ʒjaf]    b) Catarina [\*ɛtɐ'line]    c) gira ['ʒide]    d) girafa [ʒi'Xaf]

perna ['pɛnɐ]	árvore ['alv:i]	ver [ve:di]	concurso [kõkx]
dizer [di'zɛ]	fazer [fɐ'zɛli]	ver [vɛx]	

Os dados em (1) são referentes à ocorrência de segmento /r/ na fala da Inês quando tinha 3:10. Este segmento caracteriza-se por ser [+soante, +cons, -nas e -lat]. Os dados em (1) (a, b, c; d) mostram as várias tentativas em termos de estratégias de reparo durante a aquisição fonológica da líquida /r/. Em (1) a), a informante não realiza nenhum dos traços do segmento /r/ 'girafa [ʒjaf], tal como representando em 2.



Em (1) b), a informante mostra que adquiriu os traços da raiz das líquidas [+soante, +cons +aproximante], no entanto, ainda não adquiriu os traços da cavidade oral [-ant e-lateral]: *Catarina* [\*ɛtɐ'linɐ]. Os traços [-ant e-lateral] são substituídos por [+ant +lat], já disponíveis na fonologia da Inês, tal como apresentado na matriz autosegmental em 3. E em relação à aquisição de traço de anterioridade, Costa (2010) afirma que as crianças portuguesas tendem a adquirir o ponto de articulação pela ordem anterior>> não anterior: labiais e coronais [+ant] são adquiridas antes de coronal [-ant] e dorsal.



E, finalmente, em (1) c; d) os traços da raiz [+soante, +cons +aproximante] não são realizados, porque são substituídos por segmentos de emergência precoce, isto é, os obstruentes; sendo um [+obstr; coronal, +ant, +voz, -cont] e outro [+obstr; dorsal, -voz, +cont], 'gira' ['ʒidɐ] e 'ver' [vɛx], respectivamente.

A análise estatística dos dados mostrou 41% de realização correta dos traços da raiz da líquida /r/, o que pressupõe que ainda estão em processo de aquisição e a co-ocorrência dos traços [-ant e-lateral] ainda não está estabilizada.

- a) lá [ˈXa]      b) levaste [vaste]      c) lá [da]  
alguma [aXˈgumə]      aquele [akiə]      d) algum [arˈgũ]  
alta [aXˈtɛ]      calções [kaˈzõj]      Finlândia [fiˈrɛ̃dʒɐ]  
azul [ˈzu]

Os dados em (4) acima apresentados são referentes à aquisição dos traços do segmento /l/ na fala da Inês. Uma análise cuidadosa dos dados em 4 (a, b; c) mostra que a informante está experimentando várias estratégias de reparo e que os traços da raiz da líquida /l/ ainda não estão disponíveis na sua fonologia.

As estratégias de reparo, incluem a não realização total: *aquele* [akiə] e a substituição por segmentos cujos traços já estejam disponíveis na sua fonologia, como é o caso de [+obstruentes] *lá* [ˈXa], *lá* [da]. No entanto, em 4 d) *algum* [arˈgũ], os dados sugerem que os traços da raiz das líquidas foram adquiridas, mas falta a estabilização dos traços [+ant] e [+lat]. Contudo, a análise estatística dos dados mostrou 59% de realização correta e 49% de uso de diferentes estratégias de reparo. A análise também permitiu verificar que a coocorrência de + aproximante com os traços [+ant, +lat] e [-ant, -lat] não está estabilizada. E, de acordo com a escala em consideração neste artigo, (COSTA, 2010; AMORIM, 2014) e ALMEIDA (2011), a coocorrência dos traços da raiz e os do Ponto de Consoante das líquidas /l/ e /r/, apesar de estarem disponíveis na fonologia da Inês, ainda estão em processo de aquisição.

Em relação ao emprego de diferentes estratégias a diferentes segmentos /l/ e /r/, Matzenauer e Miranda (2012) dão uma explicação segundo a qual, há princípios que regem a constituição dos inventários fonológicos das línguas durante o processo de aquisição, como comentado na seção 2.0, tal é o caso do ordenamento e relevância das classes naturais. A estabilização e instabilização de algumas classes de segmentos pode estar relacionada com a coocorrência ou não de traços integrantes da gramática fonológica da criança, pois, as crianças constroem gradativamente a estrutura interna dos segmentos, à medida que começam a adquirir os autosegmentos.

### 3.2.2. DADOS DA JOANA 3;10

(5) /r/

- a) agora [vˈgɔjə]      c) era [ɛxə]      e) mentira [mĩtidə]      g) história [ˈfɔjɐ]  
picar [pikaj]      porta [pɔxetə]      ir [idh]      porta [pɔta]  
amarelo [imələw]      beber [bibex]      f) porque [puʃki]      fazer [fəze]

- b) tiramos [tiyamʒ]    d) roda [gɔdɐ]    mentir [mẽ'tiʃ]  
dizer [dizeɣ]    girafa [ʒigafɐ]

Os dados em (5) são referentes à ocorrência de segmento /r/ na fala da Joana quando tinha 3;10 anos de idade. Este segmento caracteriza-se por ser [+soante, +Cons, -nas e -lat]. Os dados nas alíneas (a, b, c; d, e, f; g) mostram as várias tentativas de estratégias de reparo da Joana durante a aquisição fonológica da líquida /r/. Na tentativa de a informante articular a líquida /r/, para além da não realização, por exemplo, em 'porta' [pɔta], ela toma como recurso a substituição por glides, semivocalização e por obstruentes: (i) os glides /j, w/ que se caracterizam pelo traço [+soante] tal como as líquidas; (ii) os obstruentes [y, x, g, d, ʃ]. No processo de aquisição fonológica, tanto os glides como os obstruentes são de emergência precoce.

A análise estatística mostrou 11,32% de realização da co-ocorrência dos traços [+aproximante, +Soante; +Cons, -lat], o que representa que a líquida /r/ ainda não está disponível na fonologia da Informante. Não obstante, a ocorrência de traços [+Obstruente, +Cons] está estabilizada.

(6) /l/

- a) ler [xe]    b) lobos [buʃɐʒ]    c) limões [dimõjʃ]    f) lobo [wɔb]  
deles [dexiʃ]    lobos [gɔbʃ]    d) lágrimas [kadmaʃ]    palavras [pɐ'wavɐs]  
lágrimas [xagimɐʃ]    bolachas [bu'gaʃɐʃ] e) almoço [aw'mosu]    infantil [ifãtiw]  
g) lutou [uto]  
bola [bo]  
calções [ka'ʃoj]  
azul [azu]

Em (6), tem-se alguns dados que representam as várias estratégias de reparo na fala da Joana na tentativa de realização da líquida /l/ [+Soante, +Cons, +lat, +cor, +ant]. A informante, para além de recorrer à não realização do segmento 'lutou' [uto], tal como a Inês 3;10, também opta pelo recurso à substituição por segmentos da classe (i) dos obstruentes, tais como: [x] *ler xe*, [b] *lobos [buʃɐʒ]*, [g] *bolachas [bu'gaʃɐʃ]*, [d] '*limões*' [dimõjʃ], [k] '*lágrimas*' [kadmaʃ]; e (ii) a semivocalização: glide [w], como em (6f).

As 68 ocorrências da líquida /l/, nos dados da Joana, 10% representam a realização correta dos traços de toda matriz do segmento em referência, o que demonstra que a coocorrência dos traços da raiz e do Ponto de Consoante [anterior] e a lateralidade da

líquida /l/ ainda não estão disponíveis na fonologia da informante, uma vez que, são segmentos de emergência tardia, quase aos 4 anos de idade, e a sua estabilização pode ir até aos 5 anos.

Com base nessa visão, Mezzomo e Ribas (2004) no Lamprecht (2004, p. 95 e 108), postulam que “líquidas é uma classe de sons que é marcada por (i) ser de domínio tardio, (ii) uso diversificado de processos fonológicos durante o desenvolvimento e (iii) por ser bastante complexo tanto do ponto de vista articulatorio quanto do fonológico”.

### 3.3. ANÁLISE BASEADA NA POSIÇÃO DO SEGMENTO NA PALAVRA

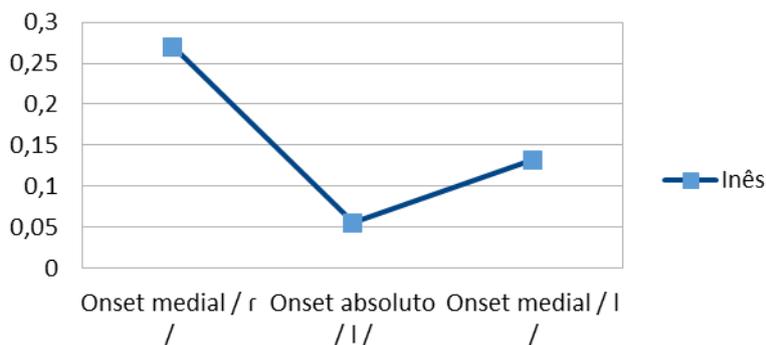
Nesta seção, abordamos a aquisição das líquidas [l/ ɫ] e [r] em Onset e Coda simples, cuja perspectiva de desenvolvimento sugere que são de aquisição tardia em relação à classe dos obstruentes. Analisa-se: (i) a aquisição da Inês e (ii) a aquisição fonológica da Joana, ambas quando tinham 3;10.

#### 3.3.1. ONSET [l] E [r] INÊS 3:10

Observam-se, no gráfico 4 abaixo, contextos silábicos de ocorrência das líquidas em Onset, na fala da Inês. O gráfico mostra oscilações percentuais dos segmentos na posição de Onset, tanto em Onset medial, assim como absoluto.

Com base na leitura do gráfico, pode-se afirmar que as líquidas em Onset ainda não estão disponíveis na fonologia da Inês, porque a percentagem de produção correta (a qual reflete a aquisição) está abaixo de 50%. No entanto, a produção de [r], em 27%, se mostra mais expressiva em relação à [l], com 5,5% e 13 %, respectivamente. Portanto, Inês adquiriu primeiro os segmentos [r] e [l] em Onset medial e depois, [l] em Onset absoluto.

Gráfico. 4: Onset simples[l]; [r] de Inês



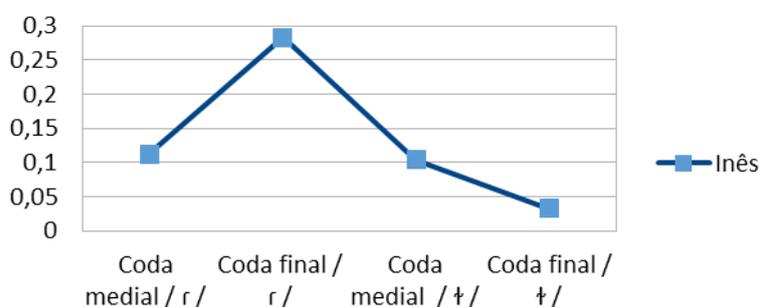
Os dados mostraram o recurso a três estratégias de reparo: (i) não realização 'girafa' [ʒjaf], 'aquele' [akiɐ]; (ii) alternância [l ~ r] 'Finlândia' [fi'rɛ̃dʒɐ] e vice-versa 'Catarina' [\*ɛtɐ'linɐ], e, finalmente, de (iii) [l/r ~ x, d] 'lá' [da], 'girafa' [ʒi'Xaf].

Em relação à ordem de aquisição, os dados sugerem que a Inês segue uma tendência [r/l] >>[l], isto é, (i) [r/l] em Onset medial e (ii) [l] em Onset absoluto. Esta sequência corrobora com a proposta de Costa (2010).

### 3.3.2. CODA MEDIAL E FINAL [t]; [r]

A seguir, analisa-se o processo de aquisição de líquidas em Coda com vista a descrever a ordem de aquisição e as estratégias de reparo aplicadas pela Inês quando tinha 30:10. O gráfico 5, abaixo, ilustra a sistematização de realização dos segmentos em coda no conjunto dos dados analisados neste trabalho.

Gráfico. 5: Coda [t] [r] Inês



De forma semelhante com aquisição das líquidas em Onset, os dados no gráfico mostram também que na fonologia da Inês as líquidas [r] [t] ainda não estão disponíveis, porque a percentagem de realização correta mais alta está fixada em 28,3% [r]. O segmento [t] apresenta percentagem mais baixa, 10, 4% Coda medial e 6, 33% em Coda

final.

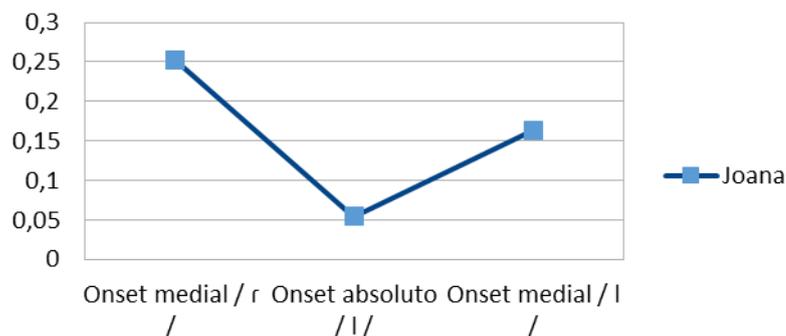
Quanto à ordem de aquisição da [r] em coda, a Inês segue uma sequência atípica de primeiro, adquire a líquida não lateral [r] em Coda silábica final, depois em Coda medial. Contrariamente a [l] em Coda silábica, a aquisição desta segue uma ordem típica: (i) adquire [l] em Coda medial e por fim (ii) [l] em Coda silábica final. Estes resultados se assemelham às propostas defendidas por (OLIVEIRA (2007); MIRANDA (2007); VOLCÃO (2009, 2012); MATZENAUER (1990); COSTA, FREITAS e GONÇALVES (2016).

Terminada a análise de dados de aquisição da Inês, em seguida faz-se a apresentação e descrição de dados de aquisição da Joana.

### 3.3.3. ONSET [l] E [r] JOANA 3;10

Excluindo-se as palavras em que não ocorreram os segmentos em estudo, o arquivo da Joana continha 102 *types* e 257 *tokens* distribuídos da seguinte forma: [l]- Onset absoluto 5%, Onset medial 16%; [r] Coda medial 4%, Coda final 1%; [r] Onset medial 25%, Coda medial 20%, Coda final 16%. E por último, [R] Onset absoluto 2% e Onset medial 11%.<sup>3</sup>

Gráfico. 6: Onset simples[l]; [r] de Joana



Uma leitura do gráfico (6) permite afirmar que as líquidas em Onset ainda não estão disponíveis na fonologia da Joana, porque a percentagem da produção correta que reflete a aquisição está abaixo de 50%. Comparativamente, a líquida [r] em Onset 25,29% mostra-se mais expressiva em relação à [l] com 5, 45% e 16,34 %, respectivamente. Contudo, tal como a Inês, a Joana também adquire primeiro a [r] e [l] em Onset medial e depois [l] em Onset absoluto.

7a) agora [v'gɔjɐ]; era [ɛxɐ]; mentira [mĩtidɐ]; amarelo [imɐlɛw].

<sup>3</sup>Este último segmento não foi analisado neste artigo por insuficiência de dados e por se achar que merece um tratamento separado.

tiramos [tiʔamʒ]; girafa [ʒigafə]; história ['ʃtoʒə].

b) lobos [buʃəʒ]; lobo [wob]; lutou [uto]; limões [dimõjʃ]; lágrimas [kadmaʃ]; lágrimas [xagiməʃ]

c) bolachas [bu'gafəʃ]; bola [bo]; deles [dexiʃ]; palavras [pə'wavs].

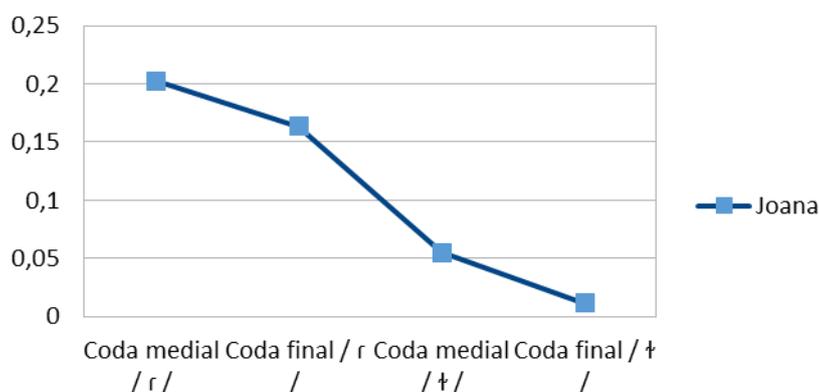
Os dados da Joana mostram o recurso a várias estratégias de reparo em Onset quando a posição é ocupada por uma líquida [l; r]. Quando a posição de Onset medial é ocupada pela líquida [r] (7a), as estratégias de reparo incluem não realização e alternância [r ~ x, y, d, g, w]. Ao passo que, quando o Onset é [l] (7) b; c), para além de não realização muito comum na fala da Joana, aplica também a alternância: [l ~ b, d, g, k, x, w]. A preferência de obstruentes na alternância está relacionada com a sua emergência e estabilização precoce nas línguas naturais do mundo.

### 3.3.4. CODA MEDIAL E FINAL [ʔ]; [r]

O gráfico abaixo apresenta resumidamente o nível de aquisição das líquidas [ʔ] [r] em Coda. Os resultados mostram que tal como em Onset, as líquidas em Coda ainda não estão disponíveis na fonologia da Joana, porque a percentagem mais alta é 25, 29% [r] em Coda medial.

Os dados mostram a seguinte ordem de aquisição: Coda medial [r] >> Coda final [r] >> Coda medial [ʔ] >> Coda final [ʔ], quanto à esta última, a sua estabilização pode ir até aos 5 anos de idade.

Gráfico.7: Coda [ʔ] [r] Joana



No tocante às estratégias de reparo da Coda [ʔ], é importante destacar a não realização, 'calções' [ka'ʃoj]; 'azul' [azu], e a semivocalização 'almoço' [aw'mosu]; 'qual'

[kwa] no lugar de [t], tanto na posição medial como na posição final.

Os dados em (8) a) e b) são exemplos de aplicação de estratégias de reparo quando a líquida [r] ocorre em Coda silábica na fala da Joana. Para além da alternância [r] ~ [j] – semivocalização e da não realização, nota-se uma maior frequência de alternância entre líquida e obstruentes [r] ~ [x, ʃ, d].

8a) porta [pɔxɐtɐ] porta [pɔtɐ] porque [puʃki] corda [kɔdɐ]

b) picar [pikaj] ir [idh]; beber [bɪbɛx] fazer [fɛze]

Terminada a seção sobre a apresentação, análise e discussão de dados passemos em seguida ao ponto reservado às conclusões.

#### 4.0. CONCLUSÕES

Este artigo teve objetivo de analisar as estratégias de reparo e as pistas deixadas pelas crianças no processo de aquisição fonológica. Em termos conclusivos, tem-se a afirmar o seguinte: em relação à aquisição, à luz da proposta teórica da geometria de traços, a coocorrência de traços da raiz [+soant, +aprox, +Cons] com os traços da cavidade oral [+ant, +lat] e [-ant, -lat] para as líquidas [l/ɫ, r] ainda não está estabilizada. Esta conclusão corrobora com a proposta de Costa (2010), segundo a qual: as crianças portuguesas tendem a adquirir o ponto de articulação pela seguinte ordem: anterior >> não anterior, assim, os traços labiais e coronais, por serem mais anteriores [+ant], são adquiridas antes dos traços coronal e dorsal, que são menos anteriores [-ant].

A análise estatística mostrou que apesar de as crianças terem adquirido os traços da matriz dos segmentos do português Europeu, a coocorrência dos traços das líquidas ainda não está estabilizada ou mesmo disponível, pois, as líquidas são de aquisição e estabilização tardia.

Em relação ao emprego de diferentes estratégias a diferentes líquidas /l/ e /r/, devesse há princípios que regem a constituição dos inventários fonológicos das línguas durante o processo de aquisição: ordenamento e relevância das classes naturais. Assim, a estabilização de algumas classes de segmentos estaria relacionada com a coocorrência de traços integrantes da gramática fonológica da criança, uma vez que, como dito mais acima, as crianças constroem gradativamente a estrutura interna dos segmentos, à medida que começam a adquirir os autosegmentos.

No tocante às estratégias de reparo, para além de não realização, ocorre a alternância entre as líquidas [l~r] do traço [+lat ~ -lat] e vice-versa; e de [+soante ~ +obst], por exemplo em:

[r ~ x, y, d, g].

Quanto à aquisição baseada no estatuto do segmento na sílaba, há semelhanças e diferenças. Em Onset silábico, tanto a Inês, como a Joana adquirem primeiro a [r] e [l] em Onset medial e depois [l] em Onset absoluto. E na posição de Coda silábica [ʃ], as duas informantes seguem a mesma ordem de aquisição: (i) coda medial, (ii) [ʃ] coda final. Contrariamente, na aquisição da líquida [r] em Coda silábica:

(a) Inês [r] em Coda final >> [r] Coda medial;

(b) Joana Coda medial [r] >> Coda final [r].

## REFERÊNCIAS

AMORIM, C. **Padrão de Aquisição de Contrastos do PE: a interação entre traços, segmentos e sílaba**. PhD. Dissertation, (Doutoramento em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade do Porto; 2014.

BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3ª Edição revista; Porto Alegre; 2001.

BISOL, L.; SCHWINDT, L. C. (Org.). **Teoria da Otimidade: Fonologia**. Campinas: Pontes; 2010.

CLEMENTS, G.; & HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: J. Goldsmith (Org.) **The Handbook of Phonological Theory**. Cambridge: Blackwell, 1995. p. 245-306.

COSTA, J.; Freitas, J. M.; GONÇALVES, A. Linguística Clínica: alguns dados sobre o português. In: MARTINS, M. A.; CARRILHO, E. (Org.). **Manual de Linguística Portuguesa**. Deutsche Nationalbibliothek published, 2016. p. 278-307.

COSTA, T. **The Acquisition of the Consonantal System in European Portuguese: Focus on Place and Manner Features**. PhD Dissertation (Doutoramento em linguística). Faculdade de letras, Universidade de Lisboa. 2010.

FREITAS, M. J. **Aquisição da Estrutura Silábica do Português Europeu**. PhD Dissertation. (Doutoramento em linguística). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. 1997.

GONÇALVES, F.G. & FREITAS, J. M. Acquisition of Phonology. In: Wetzels, L.W., Menuzzi, S., Costa, J. (Org.). **The Handbook of portuguese Linguistics**. Wiley: Blackwell, 2016. p. 545-560.

LAMPRECHT, R. **Os Processos nos Desvios Fonológicos Evolutivos**. Dissertação (Mestrado em letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1986.

LAMPRECHT, R., G. L. **Aquisição fonológica do Português**. Perfil de desenvolvimento e de subsídios para terapia. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAZZAROTTO-V, C. **Modelo de Padrão de aquisição de contrastes: uma proposta de avaliação e classificação dos desvios fonológicos**. Dissertação (Doutorado em letras). Universidade Católica de Pelotas. 2009.

LAZZAROTTO-V, C. Modelo de Padrão de aquisição de contrastes: uma proposta de avaliação e classificação dos desvios fonológicos. **VEREDAS ON LINE ESPECIAL**. PPG- Linguística/UFJF- Juiz de Fora. 2012. p. 109- 121.

MATZENAUER, C. **Aquisição da fonologia do Português: Estabelecimento em padrões com base em traços distintivos**. Dissertação apresentada à PUCRS (Doutorado em letras). Porto Alegre: PUCRS, 1990.

MATZENAUER, C. L. B.; MIRANDA, A. R. M. A Construção do conhecimento fonológico na aquisição da linguagem. Rev. **ESTUDOS LING.**, Belo Horizonte, vol. 20, 2012. p. 91-124.

MIRANDA, A. **Aquisição do “r”: uma contribuição à discussão sobre o seu status fonológico**. Dissertação (Mestrado em letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1996.

MIRANDA, A. As róticas no sistema do português brasileiro e na aquisição da linguagem. In G. Bonilha e M. Keske-Soares (Org.). **Estudos em aquisição fonológica**. Santa Maria: PPGL Editores. 2007. p. 25-46.

OLIVEIRA, C. Aquisição do r-fraco no português brasileiro e no espanhol: um estudo



comparativo. In G. Bonilha e M. Keske-Soares (Org.), **Estudos em aquisição fonológica**. Santa Maria: PPGL Editores. 2007. p. 47-64.

ROSE, Y. The Emergence of First Language Phonology: Perception, Articulation and Representation. In COSTA, J., FIEIS, A, FREITAS, M.J., LOBO, M., e SANTOS, L.A. (Org.) **New Direction in the Acquisition of Romance Languages**. Cambridge Scholar Publishing, 2014. p. 35-60.

SELKIRK, E.O. The Syllable. In H. van der Hulst & N. Smith (Org.) **The Structure of Phonological Representation**. Dordrecht: Foris Publications.vol. 2, 1982. p. 337-385.

Banco de dados do Português Europeu, Disponível em <<[www.phonbank.talkbank.org](http://www.phonbank.talkbank.org)>>. Acesso: em junho 2018.

Título em inglês

[CHILDREN'S PHONOLOGICAL ACQUISITION OF CODA AND  
SIMPLE ONSET LIQUID CONSONANTS IN EUROPEAN  
PORTUGUESE (EP)]